

# Rotary Club, maçonaria e igreja católica: “serviço social” e polêmica religiosa no Ceará nos anos de 1930\*

## Rotary Club, masonry and catholic church: “social work” and the religious controversy in the state of Ceará in the 1930s

Marcos José Diniz Silva\*\*

### **1 Introdução: dimensão religiosa da maçonaria e suas afinidades espiritualistas**

A emergência do Estado republicano no Brasil configura um processo de modernização que tem por base sua secularização e o estabelecimento da distinção entre as esferas do Estado e da sociedade civil. No que tange à liberdade de consciência e à liberdade religiosa, ocorre um processo inverso ao que se costuma definir como a tendência das transformações da modernidade. Em outras palavras, com a secularização republicana, que separa a Igreja do

---

\* Este artigo é uma adaptação de parte do último capítulo de minha Tese de Doutorado intitulada *Moderno-espiritualismo e espaço público republicano: maçons, espíritas e teosofistas no Ceará*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia/Universidade Federal do Ceará, em junho de 2009. A pesquisa contou com a orientação da Profa. Dra. Julia Maria Pereira de Miranda Henriques e apoio financeiro da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP.

\*\* Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Professor do Curso de História da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central - FECLESC/ UECE. E-mail: marcosjdiniz@oi.com.br

Estado e liberaliza a prática pública das diversas crenças e denominações religiosas – (Decreto 119-A, 1890; Constituição de 1891) –, dá-se um processo de expansão dessas práticas religiosas no espaço público, colocando-as em condição de igualdade jurídica com o culto católico – até àquele momento o único de caráter privado e público, além de oficial.

É nesse espaço público republicano, no Ceará entre as décadas de 1910 e 1930, que se devem destacar as atuações de maçons, espíritas e teosofistas, com suas proposições doutrinárias, filosóficas e esotéricas afinadas com a corrente do *moderno-espiritualismo*.<sup>1</sup> Esse novo movimento espiritualista, que se adensa nas classes altas e médias, concorria com a hegemonia do catolicismo na definição de uma nova espiritualidade, propondo-se colaboradora na solução dos problemas sociais vigentes. Explicitavam o debate público em torno da religião, das formas de culto e crenças da população, da relação religião/política, Igreja/Estado, Questão Social, religião e civilização moderna, ensino religioso em escolas públicas, sentidos do laicismo e da liberdade religiosa.<sup>2</sup> Enfim, separados os atos civis dos atos religiosos (casamento, batismo, sepultamento, etc.) e quebrado o monopólio católico

---

<sup>1</sup> A designação *moderno-espiritualismo* é uma chave analítica concebida pelo autor para caracterizar as concepções espiritualistas afinadas entre maçons, espíritas e teosofistas, atuantes no espaço público cearense na primeira metade do século XX, mas perceptíveis em todo o Brasil e no cenário mundial, onde se dão alianças por afinidades doutrinárias sustentadas nas ideias de: tolerância religiosa e complementaridade entre as religiões, fundada na unidade das leis divinas; evolução espiritual; evolução planetário-cósmica; aliança entre religião e ciência; defesa da liberdade, fraternidade e solidariedade entre todos os povos, crenças e raças. Cabem ressalvas, que por sua vez não impediram as alianças mútuas, no que tange à prática espírita da mediunidade, que não constitui elemento da filosofia maçônica e não é aconselhada pela teosofia. Já a reencarnação, parte constitutiva das crenças espírita e teosófica, não aparece explicitamente nos ensinamentos maçônicos, embora tida como lógica e complementar à ideia de imortalidade e evolução espiritual para os maçons adestrados nos graus filosóficos. (Cf. SILVA, M. J. D. **Moderno-espiritualismo e espaço público republicano**: maçons, espíritas e teosofistas no Ceará. Tese de Doutorado em Sociologia. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Ceará, 2009).

<sup>2</sup> Suas proposições à chamada Questão Social são mais detalhadas em SILVA, M. J. D. “Questão Social é ‘problema moral’: militância moderno-espiritualista e trabalhadores no Ceará das primeiras décadas do século XX.” **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá: UEM/GT-ANPUH, ano III, n. 8, set. 2010, p. 3-23. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf7/01.pdf>> Acesso em 20 de dezembro de 2010.

da manifestação religiosa pública, emergia o debate sobre a intercessão da religião com as esferas privada, pública e estatal.

Esse debate sobre as relações entre religião e política no Brasil, e mais especificamente no Ceará, no contexto de ação desses agentes moderno-espiritualistas, guarda uma dimensão ainda não percebida quando encaradas no montante das questões relativas à secularização. Embora imersos no confronto entre poder temporal e poder espiritual, esses novos espiritualistas (maçons, espíritas e teosofistas) fazem um percurso diferenciado daqueles desenvolvidos pelas instituições sociologicamente denominadas “Igrejas” e “seitas”; seja por não se configurarem associações hierocráticas com pretensões universalistas de monopólio da dispensa de bens de salvação, seja por não se fundamentarem na pretensão aristocrática da *ecclesia pura*, da comunidade *visível* de santos, respectivamente.<sup>3</sup>

A inserção das crenças de maçons, espíritas e teosofistas no quadro de configuração de um campo religioso é problemática, pois, embora com variações, suas concepções espiritualistas não tendem a convertê-los em religião no sentido estrito, estando mais para movimentos iniciáticos, esotéricos ou espiritualmente autônomos e muitas vezes individualizados em suas práticas pelo autoaperfeiçoamento, autoiluminação. Portanto, mesmo considerando, por exemplo, toda a hierarquização e o complexo simbolismo e tradições morais-espirituais-esotéricas da maçonaria, não se pode perceber nesse movimento pretensões de profissionalismo religioso e menos de produção de bens religiosos de consumo universal.

Orientados, assim, doutrinariamente, para uma relação laica com o Estado, esses espiritualistas modernos estiveram mais propensos à defesa do republicanismo, das ideologias liberais e até libertárias, tendo em vista sua perspectiva de livre-pensamento, autotransformação dos indivíduos e irradiação de seus benefícios ao todo social. Desse modo, para

---

<sup>3</sup> WEBER, M. **Economia e Sociedade**. Tradução Régis Barbosa; Karen Elsabe Barbosa. Brasília (DF): Editora UnB, 1994. v. 1. p. 34; \_\_\_\_\_. **Economia e Sociedade**. Tradução Régis Barbosa; Karen Elsabe Barbosa. Brasília (DF): Editora UnB, 1999. v. 2. p. 402, grifo do autor.

essas correntes espiritualistas afinadas com os progressos científicos e com as figurações modernas do Estado, a defesa dos ideais laicos do republicanismo tornava-se bandeira recorrente no tenso debate fê *versus* razão, Igreja *versus* Estado, com tradicionalismo da religião dominante.

Quanto à reação católica ao regime republicano, embora, curiosamente, o Vaticano o tenha reconhecido desde 1890, a hierarquia católica brasileira foi da indignação à ponderação e, entre esses extremos, as iniciativas se caracterizaram por *apelos pessoais, conversações e negociações*.<sup>4</sup> Num primeiro momento, destaca-se a Pastoral Coletiva do episcopado brasileiro, de 1890. Do tom apocalíptico em relação ao futuro religioso da pátria à relação poder temporal/poder espiritual – cabendo ao último “um alvo incomparavelmente mais levantado” –, a Pastoral Coletiva finda clamando que a carta constitucional não ofenda a “liberdade da consciência religiosa do país que é, na sua quase totalidade, Católico Apostólico Romano”.<sup>5</sup> Nesses termos, para a hierarquia católica, a “liberdade religiosa” não deveria pressupor igualdade e concorrência com outros credos, mas a preservação dos privilégios históricos do catolicismo. Para estes, República era sinônimo de positivismo, maçonismo, anticlericalismo. Mas, embora esses grupos detivessem uma presença e certa hegemonia política nos primeiros anos do novo regime, o rearmamento e a reconstrução das alianças políticas da hierarquia católicas com as oligarquias era patente e com resultados consistentes já na década de 1920.<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> LUSTOSA, O. de F. **A Igreja Católica no Brasil República**. São Paulo: Edições Paulinas, 1991. p. 21, grifo do autor. “Entre os apelos pessoais, releva mencionar a carta do arcebispo primaz do Brasil ao Marechal Deodoro para que este *Não coloque a tua espada a serviço do laicismo-anticristão* [...] venho rogar a V. Excia, pelas entranhas de nosso Senhor Jesus Cristo, não consinta que façam da gloriosa espada de V. Excia. Instrumento de destruição da fé do povo brasileiro [...] [Grifo nosso] [...] Em nível de *conversação*, o bispo de Belém do Pará, Dom Antonio de Macedo Costa, contacta, frequentemente, o seu antigo aluno, Rui Barbosa, Ministro da Fazenda do governo republicano e cérebro da política reformista em andamento [...]”. (Idem, *ibidem*, grifo do autor).

<sup>5</sup> RODRIGUES, A. M. M. (Org.) **A Igreja na República**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981. p. 57.

<sup>6</sup> Ver MICELI, S. **A elite eclesial brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

A partir de 1910, dá-se, na capital Fortaleza, maior incremento na difusão das ideias espíritas pela atuação do oficial do exército Vianna de Carvalho, que funda o Centro Espírita Cearense,<sup>7</sup> com franco apoio da maçonaria,<sup>8</sup> acirrando o debate religioso e político. Reforçavam-se, desse modo, as históricas afinidades na composição de ampla frente moderno-espiritualista no Ceará, correspondendo ao que já se constituía em outras partes do país.

O jornal *A República*, sob direção de elementos maçônicos e espiritistas, dava ampla cobertura às conferências de Vianna de Carvalho, ocorridas, em sua maioria, na sede da Loja Maçônica Igualdade. Por seu turno, alimentando a polêmica local, em 1913, o “órgão católico hebdomadário” *Cruzeiro do Norte* noticia o combate à maçonaria na Bélgica, com proibição dos oficiais do exército de pertencerem à Ordem, de tal modo que “daí para diante cada oficial do exército terá de escolher entre o seu uniforme e o avental maçônico”. Segundo o periódico, justificavam-se as denúncias do governo belga,

---

<sup>7</sup> Sobre afinidades entre espíritas e maçons, ver MACHADO, U. **Os Intelectuais e o Espiritismo**: de Castro Alves a Machado de Assis. Niterói: Publicações Lachâtre, 1997. Para um estudo bem documentado sobre o Espiritismo no Ceará, conferir: KLEIN FILHO, L. **Memórias do Espiritismo no Ceará**. São Paulo: DPL Editora; Fortaleza: Centro de Documentação Espírita do Ceará, 2000; \_\_\_\_\_. **Vianna de Carvalho, o tribuno de Icó**. Niterói: Publicações Lachâtre, 1999. Sobre os confrontos entre espíritas, católicos e maçons, conferir: SILVA, M. J. D. “Catolicismo e Espiritismo: dimensão conflituosa do campo religioso cearense na Primeira República” In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá: UEM/GT-ANPUH, ano II, n. 4, mai. 2009. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreli-giao>>; \_\_\_\_\_. “Embates religiosos na Terra da Luz’: maçons, espíritas e católicos no Ceará da Primeira República”. **historia e-historia**. Publicação Grupo de Pesquisa Arqueologia Histórica-UNICAMP. Acesso em 3 de fevereiro de 2010. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=96>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2010.

<sup>8</sup> Para um melhor conhecimento da produção acadêmica brasileira sobre a maçonaria, conferir: AZEVEDO, C. M. M. de. “Maçonaria: História e historiografia”. In: **Revista da USP**. São Paulo, n. 32, p. 178-189, 1996-97; BARATA, A. M. **Luzes e Sombras**: a ação da maçonaria brasileira (1870-1910), Ed. Unicamp, Campinas, 1999; \_\_\_\_\_. **Maçonaria, Sociabilidade Ilustrada & Independência do Brasil (1790-1822)**. Juiz de Fora: Ed. UFJF; São Paulo: Annablume, 2006; COLUSSI, E. L. **A Maçonaria gaúcha no século XIX**. EDIUPF: Passo Fundo, 2003; MOREL, M. “Sociabilidades entre Luzes e Sombras: Apontamentos para o Estudo Histórico das Maçonarias da Primeira Metade do Século XIX”. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n. 28, p. 3-22, 2001/2; MOREL, M.; SOUZA, F. J. de O. **O poder da Maçonaria. A história de uma sociedade secreta no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

em supostas afirmações dos maçons de uma “solidariedade da maçonaria internacional no combate contra a Igreja”, e em suas declarações de apoio e de participação ativa de “nossos irmãos portugueses” na derrubada da monarquia, em 1910.<sup>9</sup>

Na década de 1920 aparece em Fortaleza o jornal católico *O Nordeste*, que desenvolve sistemática campanha contra as demais religiões e contra a maçonaria. No centro de suas críticas está o regime republicano e seu “laicismo positivista”, que beneficiaria esses “inimigos” do cristianismo. Aspecto sintomático do quadro das relações de força política: a maçonaria local era atacada por via indireta. O periódico noticiava insistentemente os embates do catolicismo com a maçonaria do exterior ou de outros estados da Federação.

Na matéria “O momento político-religioso na França”, analisa o “governo Herriot”, dominado pela “maçonaria radical” e sua política laicista, que tomava “medidas vexatórias para com os católicos”, substituindo-os no serviço público “por inaptos que sejam maçons”; finalizando a notícia com o movimento de resistência dos católicos franceses.<sup>10</sup> A constante referência à situação dos católicos na França remete os leitores daquele periódico ao quadro religioso de um país símbolo das conquistas do liberalismo e do republicanismo, onde a maçonaria continuava a ter presença hegemônica.

Os postulados maçônicos, espíritas e teosofistas, ultrapassando os recintos dessas instituições em terras cearenses, eram levados ao conhecimento público como nova alternativa espiritualista. Sob a aparente função informativa da imprensa, articulava-se a figuração moderno-espiritualista marcando presença social e política enquanto disseminava nova cultura religiosa. No dia 7 de novembro de 1928, o jornal *Gazeta de Notícias* publica uma matéria intitulada: “Uma tocante solenidade maçônica – O discurso do Dr. Álvaro Fernandes”, que fora anexada à ata da Loja Igualdade do mesmo dia. O jornal noticia a solenidade e apresenta um “extrato ou sùmula” do discurso.

---

<sup>9</sup> Maçonaria repelida na Bélgica. *Cruzeiro do Norte*. Fortaleza-Ce, 17 maio 1913.

<sup>10</sup> O momento político-religioso na França. *O Nordeste*. Fortaleza-Ce, 18 fev. 1925.

Na ocasião, “obedecendo a rigoroso e tocante cerimonial litúrgico, realizaram uma das mais imponentes solenidades de seu ritual”. Era a solenidade em homenagem os irmãos mortos nos últimos dois anos, das Lojas “Amor e Caridade”, “Igualdade” e “Liberdade IV”. Nele, o orador repassa as ideias de Montaigne sobre a morte como o eterno pesadelo da vida. Lembra o aguilhão da separação entre os que se amam e as ideias correntes sobre o desconhecido mundo *post-mortem*, o “etéreo”, o “intangível diáfano”, “o nada sinistro” [...] Para logo questionar: “Mas, será certo que tudo acaba com a morte?”

Quem sabe se nesses ignotos mundos do grande nada, outra vida não reponta, risonha e dourada de poesias sublimes e de encantos divinais [...] Quem sabe se, os amantes que morrem na terra não ressurgem para enlaçar-se nos céus [...]? Quem sabe se não são olhos humanos, que nos espreitam de longe, com amor e com saudade [...]?<sup>11</sup>

Refere o orador à “Índia misteriosa”, ao “Egito monumental”, à “Grécia filosófica” que, de suas “extraordinárias ciências”, não puderam decifrar os “enigmas” da morte. Contudo, reporta o orador aos vestígios, em todas as épocas, sobre as imagens vivas do desconhecido. As escolas da Hélade clássica: pitagórica, socrática, platoniana e aristotélica, que “pregavam uma superexistência imortal”; Cícero admitindo a morte como a “ditosa mansão dos que deixam a vida”; considera os celtas [das] Gálias, com seus magos druidas e seus “ritos solenes da superexistência” [...]; chegando ao cristianismo, com a misteriosa juventude de Jesus entre os essênios e sua conferência secreta com o “doutor da lei”, Nicodemos, narrada por João, o evangelista.

Transporta-se o orador à escolástica nas controvérsias entre fé e razão; à Roger Bacon e ao experimentalismo; à Francis Bacon e à lógica indutiva; à Locke, Leibnitz, Espinoza, Kant e às “modernas demonstrações do subjetivismo metafísico”. Adentra o século XIX e a metafísica hegeliana para demonstrar o “litígio” multissecular entre “o objetivo e o subjetivo, o sensualismo e o espiritualismo”. Culminando para vislumbrar-se

---

<sup>11</sup> Ata Loja Igualdade. Fortaleza-Ce, 7 nov.1928.

[...] de um lado, por ventura, em continuada ascendência, a noção de peso que se altera e sublima, o ponderável se rarefaz até desponderar-se, diluir-se no amorfismo infinito e dinâmico; do outro se lobriga, como sabem em descensão precipite, aquela matéria intangível, radiante e ativa condensar-se até a cristalização dos corpos compactos e inertes, obedecendo a uma forma exata [...] <sup>12</sup>

Assim, pois, a metapsíquica é a continuação da física. Recorda Chateaubriand <sup>13</sup>, quando afirmara que “os mortos doutrina os vivos” e, mais ainda, “governam, sempre e cada vez mais”, segundo ensinara “o genial autor da Filosofia Positiva” [Auguste Comte (1798-1857)]. Finalizando, o orador informa aos seus pares – usando de linguagem emotiva e direta, denotando tratar-se de algo natural e corriqueiro – a realidade patente da sobrevivência da alma e de sua comunicabilidade:

Sim, porque o nosso ambiente agora mesmo, como que rebri-lha com as cintilações intangíveis de nossos gênios tutelares, os nossos irmãos mortos como que aqui se acham, deslumbrando o nosso pensamento de inspirações e de saudades, que não morrem [...] Crede: os nossos irmãos não estão ausentes, eles apenas estão invisíveis [...] <sup>14</sup>

A demonstração pública, através da imprensa, de um ritual fúnebre maçônico de intenso apelo espiritual trazia consigo muitas possibilidades de interesse dos adeptos do moderno-espiritualismo. Além da afirmação espiritualista, pautavam seus agentes por uma distinção em relação às crenças espiritualistas tradicionais, pela defesa de um fundamento filosófico-científico da imortalidade. Percebe-se, nesse discurso oficial de funeral maçônico, dentre outras, a presença da ideia como comunicabilidade entre vivos e mortos – “nossos irmãos não estão ausentes, eles apenas estão invisíveis” – não explicitada nas constituições e textos públicos maçônicos, revelando algo mais que mera licença poética ao momento ou uma casual abordagem heterodoxa.

---

<sup>12</sup> Ata Loja Igualdade. Fortaleza-Ce, 7 nov.1928.

<sup>13</sup> Referência ao escritor e ensaísta romântico, político e diplomata francês François-René de Chateaubriand (1768-1848).

<sup>14</sup> Idem.

Também digno de nota na transcrição desse discurso é a colagem de recorte do texto jornalístico no corpo da ata da Loja Igualdade; e o fato de que, nesse mesmo ano de 1928, Teodoro Cabral e outros companheiros maçons, com amplo apoio da *Gazeta*, terem rompido com o Grande Oriente do Brasil, ao qual era filiada a Loja Igualdade, para fundar a Grande Loja do Ceará, colocando de lados opostos esses mesmos irmãos das Lojas Igualdade e Liberdade IV.

A presença dessas ideias espiritualistas, das instituições a elas vinculadas e os debates e polêmicas resultantes de sua presença no espaço público cearense, entre as décadas de 1910 e 1930, perpassou as classes trabalhadoras, camadas médias e classes altas; assim como esteve presente em variadas dimensões da vida pública, como na política, na imprensa, nos círculos literários e intelectuais e nos movimentos associativos.<sup>15</sup>

Assim, a posição da maçonaria em defesa da liberdade e igualdade religiosas, suas características esotéricas e suas alianças com grupos espiritualistas perseguidos pelo catolicismo, como demonstrado introdutoriamente, ensejaram a permanente condenação da Igreja Católica a todos os movimentos e associações com algum vínculo ou identidade maçônica. É, pois, nessa dimensão associativa que se pretende analisar a implantação Rotary Club no Ceará, na década de 1930, como entidade voltada para a organização das classes altas e setores produtivos. Em virtude das origens mundiais do Rotary e da ostensiva atuação de maçons, abre-se mais um flanco na oposição católica local à maçonaria, destacando o que consideravam como “indiferentismo religioso” e “laicismo maçônico” daquela organização de elite.

---

<sup>15</sup> Cf. SILVA, M. J. D. **Moderno-espiritualismo e espaço público republicano: maçons, espíritas e teosofistas no Ceará**. Tese de Doutorado em Sociologia. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Ceará, 2009.

## 2 O Rotary Club no Ceará e a acolhida maçônica

Mas o que é o Rotary Club?<sup>16</sup> Qual a relação existente entre Rotary e maçonaria? Qual a razão da condenação católica ao Rotary? Como se portaram os rotarianos frente aos ataques do clero católico? Em que medida a presença do Rotary constituiu-se um elemento de reforço na legitimação dos agentes e das ideias moderno-espiritualistas, naquele contexto?

A fundação do Rotary Club coube à iniciativa de Paul Percy Harris e mais três companheiros, a 23 de fevereiro de 1905, em Chicago, Illinois, nos Estados Unidos. Segundo o informativo oficial do Rotary Club, no Brasil, “Brasil Rotário Online”:

O ROTARY nasceu [...] em Chicago – cidade então dominada pela ignorância e egoísmo, crimes e vícios – por inspiração do jovem advogado Paul Percy Harris que, em sua solidão, percebeu a urgente necessidade das pessoas de fazerem amigos que se ajudassem mutuamente. Certa noite, após jantar em casa de um amigo, Paul Harris foi por ele apresentado aos vizinhos e pôde constatar que as amizades existentes eram exclusivamente profissionais. Percebeu então, que podia transformar alguns de seus clientes em verdadeiros amigos. Dedicou-se a um estudo analítico da “Vida dos Negócios” e resolveu fundar um Clube de Homens de Negócios e Profissionais, para desenvolverem entre si relações de companheirismo e amizade. Convidou três de seus clientes: Gustavus Loerh – Engenheiro de Minas, Hirarn Shorem – Alfaiate e Silvester Schiele – Comerciante de Carvão, para, com ele próprio, serem os fundadores do Clube. Reuniram-se pela primeira vez no escritório de Silvester Schiele e decidiram que o quadro social do Clube seria composto por uma pessoa de cada ramo de negócio ou profissão evitando, assim, concorrência entre os seus membros. Em 23 de fevereiro de 1905, realizou-se a primeira reunião e a instalação do Rotary Club de Chicago, sendo eleito, para presidente, Silvester Schiele.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> Neste trabalho será utilizada a grafia em inglês, Rotary Club, com exceção do uso aporuguesado, ocasionalmente, presente nas citações.

<sup>17</sup> Disponível em: <<http://www2.brasil-rotario.com.br/institucional/rotary/historia.html>> Acesso em: 3 dez. 2008.

Paul Harris seria eleito presidente do mesmo clube em 1907, implementando sua expansão pelo país e no exterior a ponto de, em 1910, se fundar a Associação Nacional de Rotary Clubs, que passaria, em 1912, a se denominar Associação Internacional de Rotary Clubs. Conforme o referido periódico: “O objetivo inicial do Rotary, que era o *Auxílio Mútuo*, é acrescido e suplantado pelo *Ideal de servir*, visando, especialmente, a Paz Mundial”. (Grifo do autor).

A instalação do Rotary no Brasil deu-se em 1922, no Rio de Janeiro, sob o impulso do embaixador dos Estados Unidos, Recorde Monnsen, sob a denominação de Rotary Club do Rio de Janeiro. Seu primeiro presidente foi o senador cearense José Thomé Saboya e Silva. Em 1924, funda-se o Rotary Club de São Paulo, expandindo-se de tal modo que, atualmente, o Brasil detém o terceiro lugar em número de clubes rotários no mundo, ficando atrás apenas dos Estados Unidos e Japão.

Sua chegada ao Ceará deu-se no final de 1933, com as primeiras reuniões públicas de formalização de implantação do Rotary Club do Ceará, conforme começou a noticiar o jornal *O Povo*, de propriedade de Demócrito Rocha, que se tornaria também rotário. Repetindo-se o que ocorrera com relação aos interesses maçônicos, espíritas e teosóficos, os eventos rotários seriam amplamente divulgados pelos jornais *O Povo*, *Gazeta de Notícias* e *A Rua*, marcando presença no periódico católico *O Nordeste* apenas quando se desenvolviam campanha de desqualificação.

Contudo, o Rotary Club do ponto de vista sociológico representa algo mais complexo que um desprezioso clube de serviço. Insere-se o Rotary na categoria das associações voluntárias em que, à parte seus propósitos humanitários, se congregam elementos oriundos da elite da classe média e dos estratos burgueses, onde se “tece uma rede de relações duráveis, propensa a render-lhes mais uma fonte de recursos e poder”.<sup>18</sup> Objetiva-se aqui não a descrição e análise da entidade Rotary Club, mas sim entender algumas de suas características e o contexto de aparecimento no Ceará, que

---

<sup>18</sup> SETTON, M. da G. J. **Rotary Club: habitus, estilo de vida e sociabilidade**. São Paulo: Annablume, 2004, p.16.

levaram às acusações e aos ataques promovidos pelo clero católico local, como fizeram em todo o mundo, sobre sua vinculação com a maçonaria.<sup>19</sup>

### 3 Rotarismo, oposição católica e olhar gramsciano

O tema Rotary Club chamou a atenção de Gramsci,<sup>20</sup> que se pôs a analisar as opiniões emitidas pela imprensa católica italiana no final da década de 1920, especialmente a jesuítica, através dos jornais *Civiltà Cattolica* e *Osservatore Romano*.<sup>21</sup> Segundo o autor, “os jesuítas criticam o Rotary pelas suas ligações com o Protestantismo e a Maçonaria. Vêm, nele, um instrumento do americanismo, portanto de uma mentalidade anticatólica”.<sup>22</sup> Para o comunista italiano, entretanto:

O Rotary não pretende ser nem confessional, nem maçom; todos podem ingressar nas suas fileiras: maçons, protestantes e católicos (em alguns lugares, arcebispos católicos aderiram ao Rotary). Parece que seu programa essencial baseia-se na difusão de um novo espírito capitalista, na idéia de que a indústria e o comércio, antes de serem um negócio, são um *serviço social*; ainda mais, são e podem ser um negócio na medida em que representam um “serviço”. Assim, o Rotary desejaria que o “capitalismo de rapina” fosse superado e se instaurasse um

---

<sup>19</sup> Para maiores esclarecimentos sobre a estrutura organizativa, composição social de seus membros e seus significados sociológicos, de clubes de serviço como o Rotary Club, especificamente “como produtores de *capital social* e *capital simbólico*”, cf. Setton (2004).

<sup>20</sup> GRAMSCI, A. “Rotary Club, Maçonaria, Católicos” In: **Maquiavel, a política e o Estado Moderno**. 5. ed., Tradução Luiz Mário Gazzaneo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984, p. 415-422.

<sup>21</sup> “Ver na *Civiltà Cattolica* de 16 de fevereiro de 1929, o artigo *Ancora Rotary Club e massoneria*. Os argumentos dos jesuítas para prevenir contra o caráter maçônico do Rotary estão todos nele. A ‘suspeita’ é de dois graus: 1) que o Rotary, na verdade, deriva da maçonaria tradicional; 2) que o Rotary é um novo tipo de maçonaria. A estes motivos ligam-se outros de caráter subordinado: 1) que, de qualquer modo, a maçonaria tradicional serve-se astutamente dele, aproveitando a ingenuidade e o agnosticismo dos rotarianos; 2) o caráter ‘agnóstico’ de indiferença ou de tolerância religiosa do Rotary é, para os jesuítas, tão prejudicial que os leva a erguer barreiras e a assumir atitudes de suspeita e polémica (estádio preparatório que poderia concluir-se com a condenação do Rotary pela Igreja)”. (Ibidem, p. 418).

<sup>22</sup> Ibidem, p. 415.

novo costume, mais propício ao desenvolvimento das forças econômicas.<sup>23</sup>

Na perspectiva gramsciana, o Rotary é identificado com a tentativa de implantação de um moderno capitalismo. Contudo, não deixa de contestar a posição católica de identificação dessa entidade com a maçonaria. Para ele:

O Rotary não pode ser confundido com a maçonaria tradicional, principalmente a dos países latinos. Representa uma superação orgânica da maçonaria e interesses mais concretos e definidos. A maçonaria tem como característica principal a democracia pequeno-burguesa, o laicismo, o anticlericalismo, etc. O Rotary é uma organização das classes altas e só se volta para o povo indiretamente.<sup>24</sup>

Todavia, para a Igreja Católica, a condenação ao Rotary partia da crítica à sua matriz racional e laica de moral e ética, do que resultaria, segundo a hierarquia vaticana, o “indiferentismo religioso” rotário; e não apenas do fato de seus fundadores terem sido maçons; do Rotary ter boas relações com os maçons e esses terem boa representatividade na nova associação mundial, mesmo considerando essa uma informação nada desprezível. De acordo com Ferrer Benimeli; Caprile; Alberton:

Já em 4-2-1929, a Sagrada Congregação Consistorial declara que “os bispos não podem consentir que seus clérigos e sacerdotes adiram ao Rotary Clube e participem de suas reuniões”. Para os leigos não existe um veto geral, mas em alguns países (Espanha, França, Holanda) o episcopado julgou oportuno advertir os fiéis contra os perigos deste movimento, e inclusive proibir a participação nele, porque é nocivo, segundo as normas do Código de Direito Canônico (c.684) [vigente entre 1917 e 1983].<sup>25</sup>

Portanto, em seu processo de expansão no Brasil dos anos de 1920 e 1930, o Rotary Club teve que enfrentar a

---

<sup>23</sup> Ibidem, p. 415-416 (grifo do autor).

<sup>24</sup> Ibidem p. 417.

<sup>25</sup> FERRER BENIMELI, J. A.; CAPRILE, G.; ALBERTON, V. **Maçonaria e Igreja Católica**: ontem, hoje e amanhã. 4. ed. Revista. Tradução e adaptação Valério Alberton. São Paulo: Paulus, 1998, p. 85.

oposição da hierarquia católica que fazia valer as determinações proibitivas do Vaticano, ao mesmo tempo em que procurava difundir, através de sua imprensa, as restrições e polêmicas envolvendo rotarianos, maçons e a Igreja em outros países.

As conhecidas ligações mundiais dos primeiros rotarianos com a maçonaria os colocavam na mira das prevenções do Vaticano. Na ótica laica daqueles, justificar seu neutralismo em matéria religiosa era fundamental para boas relações do Rotary com todos os povos. Contudo, na ótica católica daquele contexto, neutralidade religiosa, laicismo e pluralismo de crenças eram o mesmo que indiferentismo religioso ou, pior, anticristianismo.

Nesse clima, segundo relatos da imprensa, era muito comum haver nas reuniões rotárias discursos de esclarecimento – até usando contraprovas – sobre a questão da religião nos trabalhos do Rotary. Nos preparativos para a fundação do Rotary Club do Ceará já se nota a preocupação:

Conforme fora noticiado, realizou-se ontem no Excelsior Hotel, o jantar íntimo promovido pelos organizadores do “Rotari Club do Ceará”, a fim de serem trocadas idéias sobre os objetivos rotarianos e fazer-se a aclamação da diretoria provisória do club, que será oficialmente fundado na 2ª quinzena de janeiro [...] Durante o jantar [26], como é de praxe no rotarismo, usaram da palavra os Drs. Raimundo Girão e Nestor de Figueiredo. Aquele expôs as démarches para a formação do Rotari Club do Ceará e o último fez interessantes comentários em torno dos princípios rotarianos e suas elevadas finalidades, lendo afinal, trechos de uma carta de um sacerdote católico do Chile, pertencente ao “Rotari”, para provar assim que nas organizações rotarianas não se cogita de religiões.<sup>27</sup>

Embora não se tenha notícias de embates públicos anteriores envolvendo futuros rotarianos e o clero local nota-se, já neste caso, a emergência do problema que talvez estivesse

<sup>26</sup> Segundo a tradição, nos primeiros tempos, os rotários reuniam-se durante as refeições de modo a não interferir nos horários de trabalho. Desse modo, até hoje se reúnem num “banquete”, durante o qual enquanto servem o “menu” realizam as atividades de rotina.

<sup>27</sup> Rotari Club do Ceará. O jantar de ontem, no Excelsior. *O Povo*. Fortaleza-Ce, 22 dez. 1933.

presente nos bastidores. É essa a razão da resposta como “prova” de que não cogitavam de religião; muito além de um simples lembrete preventivo de futuros embaraços.

Outro elemento significativo a considerar, e intimamente ligado à questão anterior, diz respeito aos participantes do grupo inicial que tomaram parte daquela reunião preparatória. Constaram diversos e conhecidos maçons, dentre eles Álvaro Weyne,<sup>28</sup> Demócrito Rocha,<sup>29</sup> Torres de Melo,<sup>30</sup> Francisco Falcão, constituindo praticamente um terço dos presentes.

A *Gazeta de Notícias* também noticia em detalhes, no mesmo dia que *O Povo*, a referida reunião no “Exclesior”, onde “compareceu grande número de pessoas da nossa mais alta roda social [...]” E, no relato das atividades, incluem os esclarecimentos feitos pelo visitante Nestor Figueiredo de que “o Rotari não tinha cor política ou religiosa e que fazia do seu programa um culto fervoroso à bandeira brasileira”.<sup>31</sup> Aos preocupantes elementos “político” e “religioso”, acrescentam-se o patriotismo como antídoto à acusação de “americanismo”.

Seguindo seu projeto de difusão do rotarismo, o jornal, do agora rotariano Demócrito Rocha, abre o ano de 1934 com substancial matéria intitulada “O que é o Rotari”. Trata-se da reprodução de trechos de uma entrevista do Governador do Distrito Brasileiro, Lauro Borba, concedida ao *Diário da Manhã*, de Pernambuco. Dentre os muitos questionamentos feitos, aparece a recorrente indagação: “– Mas temos ouvido críticas à irreligiosidade do Rotari. Que nos informa sobre este ponto?” A resposta do líder rotário é extensa e marcada pela defesa e pela busca da harmonização de interesses e perspectivas:

É certo que alguns espíritos menos ponderados formularam acusações não contra a irreligiosidade do Rotari, mas, o que é pior, para apontá-lo como um inimigo da igreja católica. Pura fantasia, ou mero prazer de atacar alguém ou alguma coisa.

---

<sup>28</sup> Empresário, espírita, ex-prefeito de Fortaleza.

<sup>29</sup> Jornalista e político, fundador e proprietário do jornal *O Povo*.

<sup>30</sup> Diretor do Asilo de Mendicidade do Ceará, fundado em 1905, por três lojas maçônicas de Fortaleza.

<sup>31</sup> Rotari Club do Ceará. *Gazeta de Notícias*. Fortaleza-Ce. 22 dez. 1933.

Há indivíduos que atacam por sistema [...] Que o Rotari não cuide de religião é naturalíssimo, porque ele não poderia aproximar os homens, partindo da premissa de separá-los por motivo de crença. O Rotari exige, sobretudo, uma elevada ética profissional entre os seus adeptos, mas nunca indaga da sua crença.<sup>32</sup>

O entrevistado não nomeia em que agrupamentos estão os “espíritos menos ponderados”, os fantasiosos e que têm “mero prazer de atacar”; embora cite a suposta vítima do rotarismo, apontada por esses elementos. A intenção do “governador” parece ser de não dividir, mas agregar, aparando arestas incrustadas nas relações entre grupos moderno-espiritualistas e católicos, resultantes dos embates religiosos e políticos daquele contexto. Continuando, o líder rotário destaca a pluralidade de crenças dos adeptos e o que considerava a “má política das prevenções” dos católicos:

Por isso, o rotarismo existe em países profundamente católicos como a Bélgica, França e Itália; em países protestantes como a Inglaterra e Alemanha; e também em países totalmente alheios a essas feições religiosas, como os asiáticos em geral. Deve haver no Rotari mundial indivíduos de todas as religiões, maometanos, budistas, protestantes e muitos católicos também. Seguramente estes últimos estão em maioria. E esta maioria podia ser bem mais considerável, se não fosse a má política das prevenções despertadas sem cabimento. Até aqui já tenho convivido com muitos rotarianos brasileiros ou estrangeiros, e ainda não obtive uma explicação lógica, aceitável para a *prevenção de alguns católicos* com o Rotari.<sup>33</sup> (Grifo nosso).

Contudo, a postura diplomática dos rotarianos, sempre esclarecendo suas finalidades para além de qualquer movimento religioso, não correspondia à ação pública do clero católico e sua imprensa, com ataques frontais acusando-os de originariamente terem sido criados e conduzidos pela maçonaria.

---

<sup>32</sup> O que é o Rotari. *O Povo*. Fortaleza-Ce, 3 jan. 1934.

<sup>33</sup> Idem.

É com essa disposição restritiva e acusatória que o jornal *O Nordeste* se pronuncia pela primeira vez sobre o Rotary Club, numa matéria intitulada “Rotary e Maçonaria”, assinada por R. Jacquin, extraída e traduzida da publicação *Revue Apologétique*, datada de 1929. Nesse artigo, a Igreja Católica revela que o Rotary apresenta esse “vício de origem”. Como também: “O espírito dessa associação não é, de fato, senão uma dissimulação hábil do laicismo maçônico”.<sup>34</sup>

Um pouco da atitude rotariana demonstrativa do interesse da instituição em manter boas e confiantes relações com a Igreja Católica, e uma imagem da disposição desta em transigir com o “filho caçula” da maçonaria, pode ser percebida no episódio das comemorações do jubileu episcopal do cardeal dom Sebastião Leme, no Rio de Janeiro. Na ocasião, o Rotary Clube do Rio de Janeiro, lhe envia o seguinte telegrama:

O Rotary Clube do Rio de Janeiro, reconhecendo com justiça e grande relevo a atuação social de V. Eminência, cuja destacada personalidade há imposto à admiração a respeito de todas as classes laboriosas que engrandecem a querida Pátria, e congratula-se com V. Eminência pela passagem do seu jubileu episcopal. Respeitosos cumprimentos. Álvaro Alberto – Presidente’. Sua Eminência respondeu ao presidente Álvaro Alberto com estas palavras: ‘Queira aceitar e transmitir ao Rotary Clube os meus mais sinceros agradecimentos às felicitações com que me tanto penhorou. Cardeal Leme.’<sup>35</sup>

Nota-se que a recíproca não ocorreu no mesmo diapasão. Educadamente, o cardeal agradece a gentileza das congratulações do Rotary. Porém, não responde ao elogio recebido por sua atuação social e eclesiástica. Talvez se possa entender que, naquele contexto, para a hierarquia da Igreja Católica o Rotary não se apresentava como uma organização merecedora de um comprometedor elogio, mesmo que formal. Contudo, a correspondência revela, em suas entrelinhas, um diálogo truncado, sem perspectiva de desenrolar-se.

Já em terras cearenses, para “católicos” e “ateus”, o efeito dessa notícia, cuidadosamente retransmitida pala *Gazeta*

<sup>34</sup> Rotary e Maçonaria. *O Nordeste*. Fortaleza-Ce, 24 fev. 1934.

<sup>35</sup> Assuntos rotários. *Gazeta de Notícias*. Fortaleza-Ce, 9 ago. 1936.

*de Notícias*, parecia dizer que o Rotary e a Igreja Católica, a partir da capital do País, mantinham cordiais relações. Sem dúvida, a *Gazeta* se empenhava na legitimação do rotarismo, da maçonaria, do espiritismo e da teosofia, sem esquivar-se do elogio à religião “da maioria dos brasileiros”.

Para o Rotary, sua prática era de tolerância religiosa. Para a Igreja, tratava-se de “indiferentismo religioso” e “laicismo maçônico” disfarçado. Não havia, para o pensamento oficial da Igreja Católica,<sup>36</sup> a possibilidade de uma convivência igualitária entre as religiões que não trouxessem em seu bojo a negação do estatuto de verdade única que lhe cabia como religião. Pois, segundo difundia o porta-voz oficioso da Arquidiocese de Fortaleza: “A pretexto de tolerância, de largueza de idéias, a filosofia rotariana põe todas as religiões em pé de igualdade”. O periódico critica, ainda, o fato de o Rotary não adotar uma religião e que, além disso, para o rotariano “qualquer que seja a sua religião, deve adotar um código de moral especial”.<sup>37</sup>

O artigo também procura vincular Rotary e maçonaria a partir da demonstração de uma filiação de princípios entre o “Rotary Code of Ethic” e o “Código Maçônico”: “O princípio fundamental [do Rotary] – *quem serve melhor, aproveita mais* – é emprestado ao Código Maçônico: “Trabalhas por ti próprio, quando referes tudo à utilidade de teu irmão”.<sup>38</sup> (Grifo do autor). Nesse aspecto, o jornal desqualifica o “ideal de serviço” do rotarismo, em virtude de sua semelhança com a fraternidade maçônica, deixando sem explicação porque o ideal de servir ao próximo era algo condenável. Pois, se o código de ética rotário era laico e pragmático, o princípio maçônico inspirava-se na caridade cristã. Ou então, com isso, a Igreja Católica dava

---

<sup>36</sup> Rever nota a 25 deste trabalho. É clara, pois, a prevenção e o combate ao rotarismo por parte da Igreja Católica até a década de 1960 quando as relações do Vaticano com o Rotary tornam-se mais amenas, especialmente com os papas João XXIII, Paulo VI e João Paulo II. (Cf. FERRER BENIMELI, J. A.; CAPRILE, G.; ALBERTON, V. **Maçonaria e Igreja Católica**: ontem, hoje e amanhã. 4. ed. Revista. Tradução e adaptação Valério Alberton. São Paulo: Paulus, 1998, p. 86-87).

<sup>37</sup> Ibidem.

<sup>38</sup> Ibidem.

a entender, sub-repticiamente, que tanto rotarianos quanto maçons não eram habilitados moralmente para o exercício do serviço ao próximo.

Noutra parte do libelo, pontuam a recorrente acusação de conspiração anticatólica, ao informarem que o Rotary fora, em seu “vício original”,

[...] fundado por maçons, seus primeiros membros eram maçons, vários de seus diretores são maçons. Tem, além disto, pontos de afinidade com outras instituições análogas, nascidas, nestes últimos anos, da maçonaria americana [...] “rebentos da maçonaria americana”, cujo fim é colocar, direta ou indiretamente, os diversos estados e classes da sociedade – *jovens de ambos os sexos, homens e mulheres de todas as condições* – sob a influência da Maçonaria.<sup>39</sup> (Grifo nosso).

Uma semana após a estocada dos católicos, o jornal *O Povo* noticia a ocorrência de mais “um jantar do Rótari Clube, a conhecida organização internacional que acaba de se organizar em Fortaleza [...]” Seguindo a tradição, após a “saudação à bandeira”, os secretários

Dr. Raimundo Girão, prefeito da cidade e Edgar Dutra Nunes, gerente da “Standard”, leram uma carta do Dr. Lauro Borba, governador do ‘Rótari Clube’ no Brasil, e vários textos explicativos sobre a *finalidade* da importante associação e vantagens de a ela pertencer [...] O Dr. Raimundo Girão leu ainda tópicos de uma entrevista do Dr. Lauro Borba para documentar que o “Rótari” não cogita absolutamente de religião nem de política.<sup>40</sup> (Grifo nosso)

Note-se o realce no caráter “internacional” da associação, como também a adesão do “prefeito da cidade” e do executivo da “Standard”. Volta-se a falar do lugar da “religião” no Rotary, inclusive recorrendo-se à já citada entrevista do governador do Rotary do Brasil. Mas um aspecto que incomodava a Igreja continuava patente na exposição nominal dos participantes das reuniões. Ao caráter informativo, agregava-se

---

<sup>39</sup> Ibidem.

<sup>40</sup> Rótari Clube de Fortaleza. O jantar de ontem, no Pálace Hotel. *O Povo*. Fortaleza-Ce, 2 mar. 1934.

uma demonstração de força pela distinção social daqueles “cavalheiros” dispostos a “enfileirar no Rótari”. E, dentre eles, a presença maçônica afirmava-se de maneira, no mínimo, considerável. No referido jantar, listaram-se um total de 28 participantes, podendo-se aferir com segurança que pelo menos 29,6% do total era composto de maçons, com destaque para: Álvaro Weyne, Demócrito Rocha, Torres de Melo, Edgar Dutra Nunes, Francisco Falcão, Esmerino Parente, Rocha Lima e o capitão José Rodrigues.

#### **4 Considerações finais**

Era patente a preocupação eclesiástica com o trabalho assistencial do rotarismo junto às classes populares. Mas, fundamentalmente, e mais grave, era o temor católico com a penetração do Rotary junto às elites, à medida que recrutava um crescente número de homens representativos dos diversos setores produtivos, congregando as elites econômicas e os profissionais liberais de alta reputação e influência social, sem uma motivação religiosa ou com uma “ética adogmática”, como denunciavam os teólogos. O que comprova a atenção clerical na avaliação da tensa correlação de forças, considerando o Rotary um elemento de reforço à “depressão em que se encontra atualmente a maçonaria, na maior parte do continente europeu”.<sup>41</sup>

Na realidade, a maçonaria brasileira, nas primeiras décadas do século XX, tendia crescentemente a diversificar socialmente o recrutamento de seus membros, tornando-se mais acessível aos estratos médios, à pequena burguesia; enquanto o Rotary Club, voltando-se aos estratos sociais superiores, despontando como mais moderna organização de elite, ajustado ao capitalismo e preservando as bandeiras da laicidade, constituiria uma “moderna maçonaria”, como corretamente enfatizara Gramsci (1984).

---

<sup>41</sup> Idem.

Portanto, aquele combate colocava situação embaraçosa para a hierarquia católica, logo percebida pela acuidade analítica de Antonio Gramsci: “É claro que a Igreja Católica não poderá ver *oficialmente* o Rotary com bons olhos, mas parece difícil que adote em relação a ele uma atitude semelhante à adotada contra a maçonaria: se fosse assim, então deveria voltar-se contra o capitalismo, etc”.<sup>42</sup>

**Resumo:** Este artigo discute o processo de estabelecimento do Rotary Club no estado do Ceará, na década de 1930, com forte presença de maçons locais e adeptos de outras religiões, com acirrada oposição do clero católico no sentido de identificá-lo com mais um braço de poder da maçonaria. No bojo desses embates trabalha-se com as afinidades entre esses elementos espiritualistas, orientados por concepções religiosas científicas e esotéricas, às quais se vinculavam maçons, espíritas e teosofistas – que denominamos *moderno-espiritualistas* – e que desde o início do século XX alimentavam debates e embates religiosos, políticos e sociais com a Igreja Católica, utilizando-se, sobretudo, da imprensa local.

**Palavras-chave:** Rotary Club. Maçonaria. Igreja Católica. Moderno-espiritualismo.

**Abstract:** This article discusses the establishment of the Rotary Club in the state of Ceará in the 1930s, with a strong presence of local Masons and followers of other religions, as well as with a fierce opposition from the Catholic clergy, which sought to identify the Rotary Club as yet another branch of the Masonry. While analyzing these clashes, the present study deals with the affinities between these spiritualists, who were guided by scientific and esoteric religious concepts. Such concepts were embraced by Masons, Theosophists and

---

<sup>42</sup> GRAMSCI, A. “Rotary Club, Maçonaria, Católicos” In: **Maquiavel, a política e o Estado Moderno**. 5. ed., Tradução Luiz Mário Gazzaneo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984, p. 417, grifo do autor.

Spiritists – henceforth called *modern-spiritualists*. The modern-spiritualists have, since the beginning of the 20th century, fueled religious, political and social debates and clashes with the Catholic Church, mainly through the local media.

**Keywords:** Rotary Club. Freemasonry. The Catholic Church. Modern-spiritualism.

Artigo recebido para publicação em 22/02/2011

Artigo aprovado para publicação em 22/09/2011